

Timothy H. Lim. **The Dead Sea Scrolls**. Oxford. Oxford University Press, 2005.

David Noel Freedman & Pam Fox Kuhlken. **What are the Dead Sea Scrolls and Why do They Matter?** Cambridge, W.E. Eerdmans, 2007.

Resenhado por Pedro Paulo A. Funari¹

Dois livros recentes lançam luz sobre as circunstâncias e contexto históricos, à época de Jesus. Desde meados do século XX, a Arqueologia produziu uma grande quantidade de informações de primeira mão sobre o Judaísmo antigo. Estas contribuições têm sido tanto mais importantes quanto apresentam um quadro de grande diversidade nas comunidades judaicas que permite melhor entender o movimento iniciado por Jesus, no interior do Judaísmo de sua era. Estes dois livros mostram bem esses avanços. Timothy H. Lim é um conhecido estudioso na área de estudos da Bíblia Hebraica e do Judaísmo à época do Segundo Templo, um grande especialista nos manuscritos do Mar Morto, assim como reconhecido editor e comentador das obras paulinas. Seu livro procura condensar as principais discussões sobre as impressionantes descobertas arqueológicas de Khirbet Qumran. Descreve, em detalhe, o sítio arqueológico e contrapõe-se à leitura de de Veaux, ao propor que a comunidade de Qumran incluía não apenas os homens celibatários, mas também os essênios casados.

Na análise dos manuscritos, valoriza as novas luzes lançadas sobre a Bíblia Hebraica à época de Jesus, aquela que ele deve ter conhecido. Antes de 100 d.C., havia uma diversidade de textos bíblicos, ainda não consolidada no texto massorético. Em seguida, parte para a identificação dos membros da comunidade de Qumran, a começar pela hipótese de que eles fossem essênios, teoria à qual adere Lim, assim como a maioria absoluta dos estudiosos. Esmiúça a composição da variada biblioteca da comunidade, com destaque para os textos não canônicos, como o Apócrifo do Gênesis. Lim relaciona o surgimento da comunidade à revolta dos macabeus, talvez ligados aos hassidim que se opuseram aos macabeus. Retoma a divisão, proposta por Vermes, entre a irmandade de Qumran e os sectários urbanos, assim como apresenta os argumentos de John Collins sobre a

¹ Professor Titular, Departamento de História, IFCH/Unicamp, Coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp (NEE/Unicamp).

similaridade entre essênios e membros de Qumran. Lim propõe que a comunidade pode ter surgido em 176 a.C., como um movimento apocalíptico. Adotavam o credo dos dois espíritos e pensavam que havia uma nova aliança (*berit hadasha*). Para os estudiosos do Jesus Histórico, apresenta uma pletera de coincidências entre os membros de Qumran e o movimento de Jesus, por suas raízes comuns.

David Noel Freedman é um deão dos estudos da Bíblia Hebraica e dos Manuscritos do Mar Morto, atuante desde a descoberta em 1947, com mais de 340 livros publicados. Este seu mais recente livro apresenta um apanhado de tudo que se pode perguntar a respeito. Freedman e Kuhlken ressaltam que os textos descobertos são mais fiéis aos originais do que os massoréticos e gregos da Septuaginta, aqueles que estavam à disposição de Jesus e seus seguidores. Consideram que os achados de Qumran constituem os maiores achados arqueológicos do século XX e que representam uma forte oposição ao Judaísmo do Templo de Jerusalém, à semelhança do movimento de Jesus. Propõem que o sítio foi ocupado por volta de 125 a.C., destruído por um terremoto em 31 a.C., reconstruído em 5 a.C. e destruído pela X legião romana em 68 d.C., sob o comando de Vespasiano. Consideram que a visão dos essênios sobre o caráter errático do ser humano está mais próxima do cristianismo, do que do Judaísmo de elite da época, pois tanto essênios, como cristão consideravam o homem propenso ao mal. Mais do que isso, ambos os movimentos esperavam um fim do mundo, uma escatologia definitiva. Os manuscritos refletem a mesma linguagem presente no Evangelho de João e nas suas epístolas. Ainda que Jesus não tenha sido um essênio, como tudo indica que não o tenha sido, partilhava de muitas aspirações e motivações.

A publicação destes dois livros demonstra como o conhecimento do Jesus histórico tem muito a ganhar, com a incorporação das evidências arqueológicas. O contexto em que viveu Jesus foi o mesmo dos membros da comunidade de Qumran e muito se pode aprender de uma leitura crítica das discussões sobre aqueles judeus, contemporâneos de Jesus.